POETAS E LITERATOS DA LIGÚRIA

Luigi Castagnola

(Universidade do Paraná)

Quando estudava literatura grega nos famosos “Elementos” de R. C. Jebb, li no manual do erudito historiador inglês, cuidadosamente traduzido em italiano por C. Fumagalli, uma afirmação que não deixou de me intrigar.

Os Jônios, e em especial os Áticos, comparados às abelhas pela suavidade da linguagem e da poesia, doces como o mel, haviam sido educados para a poesia pelas lindas paisagens do mar, das ilhas, das praias, das enseadas, das montanhas, dos vales e pelo céu azul da Grécia. Evidentemente, eram apontadas muitas outras causas da grandeza poética dos Jônios, mas as belezas naturais eram indicadas como fator ponderável e não último.

Não quis pôr em dúvida essa afirmação, que outro não menos famoso historiador da literatura grega, V. Inama, desta vez um italiano, confirmava na vigésima terceira edição de seu manual de Literatura Grega. E penso que infintos outros historiadores das letras gregas, igualmente famosos, tenham sustentado a mesma opinião. Não somente não duvidava dessa afirmação, mas parecia-me até muito natural que assim fôsse. Entretanto, como disse, a coisa não deixou de me intrigar. E o motivo é o seguinte.

Estudava, no mesmo tempo, também literatura italiana, isto é, a literatura que floresceu nas diversas regiões da península Itália, que Francisco Petrarca definiu com harmonioso verso:

**Il bel paese
ch'Appennin parte e 'l mar circonda e l'Alpe.**

Ora, entre as regiões da Itália, há uma que, por opinião comum dos viajantes e dos homens de letras, é um verdadeiro paraíso: a Ligúria. É bem conhecida pelos turistas do Novo Mundo que, todos os dias, desembarcam no pôrto de Gênova, bem

como pelos Europeus, especialmente alemães e suíços, que, no verão, como bandos de aves migratórias, invadem a Riviera, levantando por tôda parte “campeggi”, como diziam outrora, ou “autostelli”, como dizem agora. E os italianos do **interland** piemontês e lombardo quase não podem passar sem a “villeggiatura in Riviera”. Napoleão e Gambetta, O’Connel e Cromwell, Verdi e Wagner, Dickens e Byron, Rubens e Van Dyck, e até o super-homem Nietzsche não encontravam palavras suficientes para louvar Gênova e a Riviera. Wagner dizia nunca ter visto coisa mais formosa; Nietzsche chamou de fantásticos aquêles lugares construídos por homens loucos pelo sol e pelo mar; Schiller num dos Fieschi achou o drama passionai que empolgou seu coração romântico, e Colombo escrevia no auge de sua glória ao povo genovês: “Bien que el cuerpo ande acá, el corazón está allí de continuo”.

Pois bem, apesar de tantas belezas naturais, apesar do mar encantador, apesar do sol, das enseadas, das praias, das flôres, das montanhas e dos vales, além do clima que Deus deu de presente aos habitantes da Ligúria, esta encantadora região da Itália nunca produziu um grande poeta ou um escritor de primeira ordem. Nem nos longínquos tempos da latinidade, quando o manso Virgílio chamou o povo lígure de “durum genus” e “adsuetum malo”, raça dura, áspera e acostumada ao trabalho mais penoso.

Ainda mais. A Itália teve gloriosos poetas dialetais, Trilussa. Di Giacomo, Belli, Porta, mas nenhum dêles é lígure. Para demonstrar que nenhum grande poeta ou literato italiano nasceu na Ligúria, é suficiente pensar que Dante, Petrarca e Boccaccio são toscanos — aliás a Toscana teve sempre a parte do leão na literatura italiana; Poliziano é de Montepulciano, Sannazaro de Nápoles, Boiardo de Scandiano, Machiavelli de Florença, Ariosto de Réggio Emília, Tasso de Sorrento, Metastásio de Roma, Goldoni de Veneza, Parini é lombardo, Alfieri piemontês, Monti é de Romanha, Fóscolo é veneziano, Manzoni é lombardo, Leopardi é de Recanati, Carducci é toscano, Páscoli é de São Mauro, Fogazzaro não é lígure e Verga é siciliano; De Sanctis, D’Annúnzio, Pirandello, Papini, Croce e Panzini também não são lígures.

Mas deixando de lado os gigantes da literatura italiana, mesmo entre os poetas menores e os prosadores de segunda ordem, um lígure é **rara avis**. Guinizelli, Cavalcanti, Angiolieri, Guittone, Sacchetti, Cavalcas, Passavanti, Compagni, podemos dizer todos os humanistas, Pontano, Lourenço de Médicis, Pulci, Bembo, Trissino, Castiglione, Guicciardini, Folengo, Aretino, Bandello, Marino, Cellini, Sarpi, Vico, Gozzi, Colletta, Péllico, Guerrazzi, D'Azéglia, Cantú, Giusti, Tommaseo, Gioberti, Nievo, Balbo, Amari, Zanella, Fucini, Collodi, Deledda, Cecchi, Baldini, Bacchelli, Cicognani, Ungaretti e muitos outros formam um verdadeiro exército literário, onde inútilmente procuraremos um nome lígure.

Se as belezas naturais da Grécia haviam educado para a poesia os Jônios, por qual motivo as belezas naturais da Ligúria não tiveram o mesmo poder? Achava que os historiadores da literatura grega não deviam estar sem alguma razão, mas o caso da Ligúria deixava-me desapontado.

Desde as origens da literatura italiana até hoje não se encontram duas dúzias de escritores lígures, e nenhum deles ocupa lugar de destaque nas letras italianas. As demais regiões da Itália, no conjunto, de poetas e prosadores da envergadura dos da Ligúria têm mais de um milheiro. O que se nota, entretanto, é que na Ligúria aumentou o interêsse pela poesia e pela literatura nestes últimos tempos.

Deixamos aos escritores lígures ou italianos dizerem-nos os motivos da pobreza literária da Ligúria, um dos mais esplêndidos recantos do planêta. Sabemos que o Lígure é um dos povos mais antigos da Europa, se é verdade o que afirmam os antropólogos e os lingüístas; sabemos que a Ligúria é a região relativamente mais povoada da Itália, que Gênova foi uma república gloriosa e o povo lígure foi sempre extraordinariamente ativo e empreendedor, teimoso e inquebrantável pelos caminhos do mundo. Não sabemos porque produziu tão pouco no campo literário. Talvez tenha preferido dedicar suas energias e entusiasmo aos negócios rendosos, aos comércios, às viagens oceânicas, aos empreendimentos utilitários das organizações bancárias e industriais? Ou então, vivendo num paraíso terrestre, achou que não pre-

cisava construir fantásticos mundos poéticos, por julgá-los inúteis a quem vive já na realidade encantadora do sol, das paisagens floridas e do mar? Sòmente èles o sabem (1).

Eis os nomes dos poetas e dos literatos da Ligúria que se encontram nas eruditas histórias da literatura italiana: Lanfranco Gigala, Iácopo da Varazze, Gabriello Chiabrera, Giovanni Marini, Giúlio Brígnole Sale, Innocenzo Frugoni, Goffredo Mameli, Giuseppe Mazzini, Giovanni Ruffini, Giúlio Barrili, Césare Abba, Paolo Giacometti, Edmondo De Amicis, Ângiolo Sívio Novaro, e o grupo dos moderníssimos: Ceccardo Roccatagliata, Camillo Sbarbaro, Pietro Jahier, Adriano Grande, Eugênio Montale, Francesco Pastonchi, Carlo Bo, Ítalo Calvino (2).

Como se pode ver, após os raros antigos, temos que chegar ao século XVI para encontrar um literato ligure; uns poucos aparecem em Seiscentos e Setecentos. Os outros constituem o grupo dos literatos patriotas do "Ressurgimento Italiano"; por último vem o grupo dos poetas e literatos contemporâneos. Sòmente Mazzini e De Amicis são nomes conhecidos em todo o mundo, mas nem um nem outro por motivos exclusivamente literários.

Lanfranco Gigala (séc. VIII), genovês, é o trovador que mais se distinguiu na Ligúria. No começo realista e sensual, acabou idealista e católico; inimigo do "trobar clus", foi chamado poeta cristalino e do sorriso por Segismundo Spina. Estudou direito, foi conselheiro da República e também embaixador, sendo assassinado perto de Mônaco, em 1278. Na mocidade cantou a formosura de Berlenda Cibo e de outras damas, sofrendo paulatinamente uma evolução em sentido cristão e ascético que o levou a composições poéticas de caráter mariano. No mesmo século floresceram ainda os trovadores genoveses Percivalle Dória, Calega Panzano e Bonifácio Calvo; os dois primeiros foram à Itália do sul, abraçando a causa do gibelinismo, o terceiro rumou para o Ocidente, estêve na còrte de Afonso X de Castela e escreveu versos em português, voltando mais tarde à pátria.

Iácopo da Varazze (1230-1298) foi frade dominicano e bispo de Gênova, homem bondoso e culto, historiador e hagiógrafo muito conhecido e lido na Idade Média. Deixou um volume de

Sermones e o **Chronicon Januense**. Entretanto, o que o tornou famoso como literato foi a **Legenda aurea**, onde o escritor conta gestas de santos sem grande preocupação crítica, mas com estilo vivo e encantador. Ainda hoje êste livro é lido com prazer, especialmente na vulgarização feita recentemente por Arrigo Levasti.

Gabriello Chiabrera (Savona, 1552-1638) gozou de grande fama na sua época e ainda Parini, Fóscolo, Leopardi e Carducci o apreciaram, mas a crítica moderna, podemos dizer unânimemente, acha em Chiabrera não lirismo pindárico e inovações criadoras, e sim artifícios de palavras. Como Colombo, queria “trovar nuovo mondo o affogare”; por isso, quis renovar as letras italianas, tentando, antes de Carducci, reproduzir e introduzir na poesia italiana a assim chamada “métrica bárbara” imitando os clássicos antigos.

Após uma mocidade bastante agitada, impetuosa e briguenta, tornou-se um cavalheiro ambicionado pelas côrtes que o recebiam e tratavam principescamente, embora, sendo rico e nobre, tenha preferido levar vida independente e livre.

Escreveu os poemas **Gotiade, Firenze, Foresto, Amedéide**; as tragédias **Ermínia e Angélica in Ebuda**. Obras falidas e, em parte, de imitação a Tasso e Ariosto. Escreveu ainda o melodrama **Rapimento di Cefalo** e outras composições dramáticas: **Amore sbandido, Il pianto d'Orfeo, Orizia, Alcippo, Megarina, Gelopea**. Entretanto, a parte poética de Chiabrera que mais impressionou foi a lírica: **Rime, Canzoni** (diversos volumes). Lembramos ainda: **Poemeti profani, Poemeti sacri, Sermoni** em versos brancos, um **Ditirambo, Vendemmie di Parnaso** e sete **Egloghe**.

Em prosa escreveu a **Autobiografia**, os **Dialoghi** sôbre a arte poética e uns volumes de **Lettere**.

Como se vê, Chiabrera foi muito ativo e sua produção literária é volumosa. É certamente uma figura interessante do mundo literário da época, mas seu valor artístico é escasso, embora a crítica moderna pise severa demais sôbre o polígrafo savonês.

Suas “canzonette” tiveram muita fortuna e comparecem ainda hoje nas antologias italianas. Eis algumas estrofes famosas:

Belle rose porporine,
Che tra spine
Sull' aurora non aprite,
Ma, ministre degli Amori,
Bei tesori
Di bei denti custodite...

Se bel rio, se bell'auretta
Tra l'erbetta
Sul mattin mormorando erra;
Se di fiori un praticello
Si fa bello,
Noi diciam: — Ride la terra.

Quando avvien che un zefiretto
Per diletto
Bagni il piè nell'onde chiare,
Sicché l'acqua in sull'arena
Scherzi appena,
Noi diciam che ride il mare.

Se giammai tra fior vermigli,
Se tra gigli
Veste l'alba un aureo velo,
E su rote di zaffiro
Move in giro,
Noi diciam che ride il cielo.

Giovanni Marini (1594-1650), genovês, tornou-se conhecido na sua época por ter publicado o romance **Colloandro**, heróico e galante. Embora divulgado em toda Europa, imitado por La Calprenède e lido por Gautier, após ter despertado o riso de Baretti e Goldoni, foi desmontado para sempre por Carducci; nem as pálidas defesas de Albertazzi conseguiram salvar do eterno esquecimento o romance e seu autor, que os contemporâneos proclamaram “sublime e imortal”.

Antón Giúlio Brígnole Sale (1605-1665), genovês, de família ilustre e nobre, foi cidadão distinto pelo caráter e pela cultura. Van Dyck retratou o fidalgo patrício lígure num quadro que embeleza a galeria do “Palazzo Rosso” de Gênova. Escreveu catorze obras, sendo a principal intitulada **Instabilità dell’Ingegno** (1635). É uma narração mista, em prosa e verso, longínqua imitação do **Decamerone**. Quatro donzelas e quatro moços, para escapar ao contágio da peste, retiram-se para um castelo; o escritor conta os divertimentos honestos a que se abandona por oito dias a fidalga comitiva e conta outrossim cinco novelas. Marinista no comércio, o fidalgo e ajuizado escritor passa paulatinamente a hostilizar o marinismo, tão dominante no seiscentismo italiano.

Innocenzo Frugoni (1692-1768) foi também êle genovês, mas viveu quase sempre na côrte dos duques de Parma, tendo antes lecionado em diversas cidades da Itália. Escreveu canções heróicas e sonetos históricos, tornando-se muito conhecido pelo uso do verso branco. Monti louvou Frugoni por esta novidade, o mesmo fêz Bettinelli, mas Baretti nada via de original e criador na torrencial produção de versos brancos dêste poeta. Pompeati viu em Frugoni um pseudo-poeta que explorou em sentido utilitário a sua musa. Cantou, de fato, tôda espécie de acontecimentos para fins encomiásticos; dez volumes abrangem suas poesias laudatórias, relativas a pessoas e coisas da côrte: nascimentos, casamentos, aniversários, formaturas, falecimentos, curas, etc., bem como cantou pássaros, cachorros de estimação, gatos, galos **et similia**. No fim de sua vida o próprio poeta reconheceu a inutilidade de seu labor poético.

Paolo Giacometti (1816-1882) nasceu em Novi Ligure e escreveu nada menos de oitenta dramas; faltou-lhe, porém, o gênio de Goldoni. Hoje ninguém mais lê os dramas de Giacometti, salvo um ou dois, que ainda interessam mais pelo conteúdo do que pela forma artística. Escreveu também um tratado cujo título é: **Della letteratura drammatica in Italia**.

Chegamos ao grupo dos que se poderiam chamar os poetas e os literatos do “Ressurgimento Italiano”: Mameli, Mazzini, Ruffini, Barrili, Abba e De Amicis. São nomes, sem dúvida, ainda hoje

caros aos Italianos, porque ou lutaram ou morreram ou escreveram com ardor patriótico ou patético afeto sobre os sofrimentos da Itália de então, e muito contribuíram, também com a pena e com a poesia, para as lutas políticas, as revoluções e as guerras que visavam alcançar a unidade e a independência políticas da Itália, que, de fato, se realizaram em 1870. Por isso, especialmente os nomes de Mameli, Mazzini e De Amicis são muito conhecidos na Itália, mas o verdadeiro motivo da fama desses autores é mais político do que literário.

Goffredo Mameli (1827-1847) nasceu em Gênova, sendo seu pai um oficial da Marinha, Jorge Mameli, de nobre família da Sardenha, e sua mãe a ligure Adelaide Zoagli. Goffredo estudou direito na Universidade de Gênova, mas dedicou-se à poesia e às lutas políticas, falecendo ainda moço depois de ter sido gravemente ferido em batalha pela independência italiana. Foi assim truncada sua carreira literária, que muito prometia. Em 1846 escrevia o canto da **Alba** (Alvorada), despertando nos Italianos as esperanças de libertação nacional, e no ano seguinte ditou em Gênova o famoso hino, que se tornaria o Hino Nacional:

Fratelli d'Italia,

L'Italia s' è desta.

Mazzini prefaciava, em 1850, a primeira edição das poesias de Mameli; a última edição foi publicada por Codignola Arturo, em 1927, por ocasião do primeiro centenário do nascimento do poeta soldado. Não foi grande a produção literária de Mameli, pois, como dissemos, faleceu bem moço, quando não tinha alcançado ainda sua madureza artística; entretanto imensa foi a fascinação que alguns seus hinos exerceram sobre as jovens gerações da Itália. Verdi compôs a música do hino **All' armi all'armi** e Novaro Miguel escreveu a música do impetuoso hino **Fratelli d'Italia**.

Giuseppe Mazzini (1805-1872) nasceu em Gênova; seu pai, Jácomo, era professor de anatomia na Universidade de Gênova e teve também influência política na sua cidade; a mãe, Maria Drago, foi inteligente e delicada alma feminina, tendo exercido profunda influência na educação religiosa e cívica de Mazzini.

Estudou também êle direito, mas suas paixões foram a literatura e a política. Na história do “Ressurgimento Italiano” Mazzini é uma das figuras mais marcantes; podemos dizer que foi a chama viva que alimentou, de um modo ou de outro, tôdas as polêmicas, as revoluções, as guerras e os movimentos políticos da Itália de sua época e não foi pouca sua atuação também na política da Europa de então. Fundou a **Giovane Italia**, a associação e o relativo periódico, a **Giovane Europa**, e **La Jeune Suisse**; sofreu diversos desterros por motivos políticos, foi prêso e perseguido várias vêzes, mas sempre conseguiu voltar às lutas políticas e sociais, fundando revistas, chefiando revoltas de caráter político e social. Foi também deputado e triúmviro da República Romana, ocupou-se com o melhoramento da vida dos trabalhadores, hostilizando a teoria marxista do materialismo econômico, pois julgou que a transformação social em proveito do povo é impossível sem a formação moral, cívica e religiosa do povo. Daí suas frases famosas: “Unidade e República” (contra os monarquistas), “Deus e Povo” (contra os materialistas), “Pensamento e Ação” (para a organização de uma sociedade melhor).

Mazzini foi um grande idealista, nem tôdas suas idéias foram igualmente fecundas e, embora espírito naturalmente religioso, sua visão religiosa teve mais caráter humanitário e iluminista do que católico.

A formação literária de Mazzini foi vasta e profunda; seus autores preferidos foram Dante, Shakespeare, Byron, os Evangelhos e a Bíblia, Alfieri, Fóscolo, Tácito, Ésquilo, Hegel, Kant, Vico, Cuoco e Herder.

As obras de Mazzini foram publicadas várias vêzes e ainda não foi levada a têrmo a Edição Nacional, que deveria abranger mais ou menos vinte volumes. Mazzini serviu-se da palavra escrita para espalhar sua mensagem política e social, mas também distinguiu-se por estudos literários, tratando até de literatura europeia. Mencionaremos aqui seus escritos que têm especial caráter literário. Em Londres escreveu ensaios e críticas literárias, publicados depois em Lugano, na Suíça, em três volumes. Notável é o ensaio **Dell'amor patrio di Dante**, e importante é o prefácio

da edição dos **Scritti politici inediti di Ugo Foscolo**; muito louvada foi também a **Filosofia della Musica**. Deixou muitas **Lettere** e **Note autobiografiche**; seu severo conceito da vida e do dever é exposto em **Doveri dell'uomo**. Como dissemos, fundou os periódicos **La Giovane Italia** e outros que pretendiam divulgar sua mensagem política e social pela Europa; numerosos artigos seus apareceram em **L'apostolato**, **L'Italia del Popolo**, por êle fundados, e na **Antologia**.

O estilo de Mazzini é um tanto oratório, sua prosa não conhece as variações e o tom é profético e sonoro; o lirismo messiânico da prosa mazziniana, a ênfase declamatória e tribuniária impressionaram os leitores da época, mas não agradam mais hoje em dia.

Giovanni Ruffini (Gênova 1807 — Tággia 1881), foi um dos partidários de Mazzini e por motivos políticos teve que ir para o exílio na Suíça e depois em Londres e Paris, vivendo longos anos na capital inglesa. Em seguida foi deputado do parlamento subalpino, quando Gioberti mandava na política piemontesa. Na Inglaterra fez conhecer aos Ingleses as idéias que animavam os Italianos, despertando simpatias pela independência de sua pátria. Teve dois irmãos também literatos e políticos Jácomo e Agostinho; o primeiro, ao que parece, suicidou-se no cárcere, em Gênova, depois de ter sido prêso por motivos políticos; o segundo fugiu para o exílio, na Inglaterra e na França, passou alguns anos em Edimburgo e voltou depois à pátria. Ambos foram fautores das idéias românticas.

Ruffini possuía perfeitamente o inglês, e nesta língua escreveu cinco romances, sendo os dois principais: **Lorenzo Benoni, or passages in the life of an Italian**, e **Dottor Antonio**. Tanto um como o outro tem caráter autobiográfico, sem ser entretanto autobiografias. Escreveu também o "libretto" do **Don Pasquale** para seu amigo Donizetti, que o musicou. Ruffini demonstra grande habilidade em descrever a "Riviera Ligure", que amava profundamente, e serviu não pouco para atrair correntes turísticas inglesas para a Ligúria.

Antônio Giúlio Barrili (Savona, 1836 - Cárcare, 1908) foi jornalista apreciado e romancista; acompanhou Garibaldi como voluntário, foi professor de literatura italiana na Universidade de Gênova, da qual foi também Reitor. Seu **Discorso in morte di Garibaldi** foi muito e merecidamente elogiado; a Garibaldi dedicou ainda um livro, **Con Garibaldi alle porte di Roma**. Escreveu romances psicológicos e históricos; romances históricos são os quatro que formam o ciclo colombiano e **Semiramide**; dos romances psicológicos mencionamos **L'olmo e l'edera, Santa Cecilia, Val d'olivi, Come un sogno**.

Giuseppe Césare Abba (Cairo Montenotte, 1838 - Bréscia, 1910) foi soldado garibaldino, escritor, poeta e professor. Após ter tomado parte na famosa expedição de "**I Mille**" e em outras guerras garibaldinas, retirou-se para seu torrão natal, escrevendo livros e poesias, que lhe mereceram o convite para lecionar literatura italiana.

Além de artigos e discursos, escreveu: **Vecchi versi, Storia dei Mille, Vita di Nino Bixio** e outras coisas menores. Mas o que lhe deu fama foi o livro **Noterelle d'uno dei Mille edite dopo vent'anni**, um diário lírico e vivo, embora um tanto "construíto" como diria Croce, considerado justamente um dos mais belos livros de toda a literatura garibaldina.

Edmondo De Amicis (Onégia, 1846, - Bordighera, 1908) é o escritor lígure mais conhecido na Itália e no estrangeiro. Na mocidade foi oficial do exército; convidado a dirigir, em Florença, **L'Italia Militare**, resenha do Ministério da Guerra, nela publicou muitos contos de vida militar, que, enfeixados em volume, lhe deram grande popularidade. Resolveu então abandonar a vida militar para se dedicar somente à atividade literária. Fêz diversas viagens ao estrangeiro; na Itália viveu longamente em Turim e foi convidado a fazer parte do "Consiglio Superiore dell'Istruzione"; teve então ocasião de visitar muitas vezes Roma e também Florença, sede da Academia da "Crusca", de que era membro. Admirador de Manzoni, procurou imitar-lhe o sentido humano da vida e o programa literário; entretanto De Amicis nem sequer de longe pode ser comparado ao grande lombardo. Visita-

va freqüentemente a Riviera Lígure, sua pátria, e aí faleceu quase improvisamente, na graciosa cidade de Bordighera. Os últimos anos de sua vida foram profundamente amargurados por motivos de ordem familiar, e um seu filho suicidou-se. Interessou-se pela questão social e fez propaganda de teorias socialistas, vendo nelas a possibilidade de melhorar a vida do povo, mas nunca se abandonou à violência, pregando sua mensagem humanitária entre os homens, imbuída de sentimentalismo um tanto artificial e ingênuamente otimista.

A produção literária de De Amicis foi grande, mas de não grande valor, nem têm importância seus estudos lingüísticos, absolutamente superficiais, embora expostos de modo agradável no **Idioma Gentile**. Em geral, a literatura de De Amicis tem finalidade social e cívica, ainda que falte quase o fator religioso. Esforçou-se por retratar os aspectos bondosos da vida e dos indivíduos, convidando a todos para a prática da educação cívica; tôdas suas páginas são, podemos dizer, uma exortação ao amor à pátria. Faltou a De Amicis o gênio, mas assistiu-o continuamente o esforço literário. Escritor medíocre no ponto de vista artístico, teve entretanto eficácia não comum na formação humana do povo.

Mencionaremos seus principais trabalhos, sendo impossível no âmbito dêste artigo analisá-los: **Vita Militare, Novelle, Spagna, Olanda, Ricordi di Londra, Costantinopoli, Ricordi di Parigi, Sull'oceano, Le tre capitali: Torino, Firenze, Roma, Ritratti letterarii, Gli Amici, Il romanzo d'un maestro, Fra scuola e casa, La maestrina degli operai, La carrozza di tutti, Nel regno del Cervino, Memorie, Lotte civili, Ricordi d'infanzia e di scuola**, etc. Uns volumes foram publicados póstumamente. Foi De Amicis um agradável escritor, mas não foi verdadeiro artista. No ambiente histórico de hoje a mensagem humanitária de De Amicis não desperta mais o interesse de outrora. Suas coisas melhores são: **Vita Militare, Gli Amici, Sull'oceano**, e os livros de viagens.

Seria injustiça porém, negar que saiu das mãos de De Amicis um livro que educou muitas gerações de crianças na Itália e correu todo o mundo: **Il Cuore** (O Coração). É a narração dos acon-

tecimentos simples, humanos, infantis, populares de um ano de escola elementar; uma pequena epopéia infantil, onde os heróis são os alunos, filhos do povo, com suas travessuras, suas dores, seus sofrimentos morais, suas vitórias, suas boas ações. No meio dêles Edmundo anda bondoso e paternal, como um novo Homero entre heróis humildes. Os famosos contos mensais fizeram chorar muitas crianças italianas e estrangeiras. Embora não se trate de autênticas obras-primas artísticas, achamos que encerram valores incontestáveis, especialmente **O Patriotazinho de Pádua, O Pequeno Vigia Lombardo, O Pequeno Escrevente Florentino, O Tamborzinho Sardo, Dos Apeninos aos Andes.** Este último é um dos mais famosos e sintetiza a constante atenção e a sensibilização de De Amicis pelos humildes imigrantes italianos, obrigados a enfrentar imensos sacrifícios morais e materiais em terras longínquas para ganhar o pão de todos os dias, derramando lágrimas amargas e levando por tôda parte, até os Andes Americanos, a imensa saudade da pátria no coração (2).

Chegamos, assim, aos escritores e poetas da atualidade. Uns dêles já morreram, como Novaro, Ceccardi Roccatagliata, Pastonchi; outros são ainda vivos e atuantes para despertar no povo de sua terra o amor à poesia e o interêsse pela literatura. Mencionaremos os que tiveram maior projeção no mundo literário.

Ângiolo Sívlio Novaro (Diano Marina, 1866 - Impéria, 1938) foi cantor delicado e mesto de coisas humildes, um pouco à maneira de Páscoli; a poesia de Novaro, porém, não conhece somente o tema da saudade vaga e a fascinação do mistério, mas se deixa iluminar outrossim pela luz da esperança e da serenidade. Bem definiu seu mundo poético êle mesmo, quando escreveu:

La mia Musa cammina
Con un fiore montanino in bocca
Per mattini intirizziti d'argento....
Dorme sotto una pergola di stelle....
E nel sonno fantastica misteri
Di parole da dire a Dio, tutte belle....
Beve dell'acqua delle fontanelle....
E canta per grazia d'amore....

Ma qando ammutisce, e rimane
A sedere sulla porta della sera....
Una tristezza che non sa che sia,
Le prende il cuore:

Si rammenta d'un tempo e d'un bene
Che il destino gli ebbe uccisi....
Pensa un cielo e una riva
Dove il cuore non il piede arriva.

Criou Novaro um mundo de afetos delicados e meigos, conseguindo evitar o sentimentalismo vazio e artificial; seus versos são nobres e sinceros, sabem cantar o mistério que atormenta todo homem, e contemplar com alegria as belezas do dia cheio de sol e as luzes das estrêlas que iluminam as noites profundas do cosmo e as do coração humano. Em 1929 entrou para a Academia da Itália.

Escreveu: **Giovanna Ruta**, romance; **Manoscritto di una vergine**, conto; **Sul mare**, novelas; **Il libro della pietà**, novelas; e vários volumes de versos. Entre êstes mencionamos: **La casa del Signore**, **Il cuore nasconto**, **Il piccolo Orfeo**, **La Madre di Gesù**, que é uma síntese lírica da vida da Virgem Maria. Os dois livros mais conhecidos de Novaro são: **Il Fabbro Armonioso**, pequeno volume de memórias e confissões, em prosa, inspirado pela morte do único filho do poeta, desaparecido na primeira guerra mundial, e **Cestello**, coleção de poesias para crianças, mas que falam também ao coração e ao espírito dos adultos. Neste lindo livro de versos Novaro canta, com amor e saudade, entre as flôres, o sol, o mar, os vales e as montanhas da Ligúria, os sentimentos que fazem vibrar o seu coração. Eis uma bela lírica inspirada ao poeta pelo cair argentino da chuva de março.

Che dice la pioggerellina
de marzo, che picchia artentina
sui tegoli vecchi
del tetto, sui bruscoli secchi
dell'orto, sul fico e sul moro
crnati di gemmule d'oro?
"Passata è l'uggiosa invernata,
passata, passata!

di fuor dalla nuvola nera,
di fuor dalla nuvola bigia
che in cielo si pigia,
domani uscirà primavera
gremito il grembiale
di lucido sole,
di fresche viole,
di primule rosse, di battiti d'ale,
di nidi,
di gridi
di rondini, ed anche
di stelle di mandorlo, bianche..."

Ceccardo Roccatagliata Ceccardi (1872-1919), genovês, foi considerado um dos mais notáveis poetas da Ligúria dêste século. Sofreu a influência de Carducci e D'Annunzio, bem como a de Verlaine, mas soube tornar-se independente e pessoal, nem chegou a ser poeta da vagabundagem. Escreveu, entre outras coisas, **Libro dei frammenti**, e **Sonetti e Poemi**.

Francesco Pastonchi (Riva Ligure, 1877 - Turim, 1953), foi aluno de Artur Graf na Universidade de Turim, onde lecionou também êle literatura italiana desde 1935. Jornalista apreciado e poeta um tanto artificial, teve grande fama pela sua habilidade em declamar poesias suas e de outros poetas. Escreveu: **Simma**, tragédia; **Il violinista**, romance; **Il mazzo di gelsomini**, **Il campo di guerra**, **Trasfigurazioni**, livros de novelas e contos. Pastonchi grangeou maior fama como poeta, ainda que de não alto vô. Lembremos seus livros de versos: **Belfonte**, **Saffiche**, **Giostra d'amore**, **Il pilota dorme**, **Il Randagio**, **Nuove Italiche**, **Versetti**.

Pietro Jahier (Gênova, 1884) tornou-se conhecido especialmente por um livro de guerra, **Con me e con gli alpini**; publicou o romance **Ragazzo**, **Canti di soldati**, e outras coisas. Fundou o jornal de guerra **Astico** e **Il Nuovo Contadino**, e escritos seus apareceram em revistas e jornais suíços e franceses, bem como na revista **Voce**, distinguindo-se ainda como bom tradutor.

Camillo Sbarbaro (Santa Margherita Ligure, 1888), foi soldado e viajou pela Europa, embora tenha passado a maior parte de su vida em Gênova, lecionando e escrevendo. É também êle apre-

ciado tradutor e notável conhecedor do grego; em 1949 ganhou o “Prêmio S. Vincent”, graças às suas poesias. Escreveu: **Resine, Pianissimo, Trucioli**.

Escritores da atualidade são **Artur Codignola** e **Emílio Servadio**. O primeiro nasceu em Nizza Marítima e tornou-se conhecido catedrático de história na Universidade de Gênova pelas suas numerosas publicações históricas relativas ao Ressurgimento Italiano; o segundo nasceu em Gênova e dedicou-se à psicologia, tendo publicado numerosos livros relativos à sua especialidade.

Poetas e escritores lígures são também **Adriano Grande**, de Gênova, **Ítalo Calvino**, de Sanremo, e **Carlo Bo**, de Sestri Levante. O primeiro exerceu diversas profissões e ocupou-se com a poesia, publicando: **Avventure** (prosas e poesias), **Nuvole sul greto**, **Strada al mare**, **Fuoco bianco**, **Ritratto di Genova**. O segundo formou-se em letras e foi guerrilheiro; publicou uns volumes cujo fundo é de caráter político ou relativo às guerrilhas travadas no fim da segunda guerra mundial. O terceiro, professor universitário de literatura francesa, colaborou em revistas e jornais, e publicou diversos livros de crítica literária e interpretações de poetas. Mencionamos: **Mallarmé**, **Carte spagnole**, **Realtà e poesia di Corrado Alvaro**, **Riflessioni critiche**, **Jacques Rivière**, **Otto studi**, **Antologia di poeti negri** e outros ainda.

Enfim, concluimos esta resenha de poetas e literatos da Ligúria com **Eugênio Montale** (Gênova, 1896). É poeta de tendências herméticas, crítico literário e apreciado tradutor; escreveu em numerosas revistas: **Primo Tempo**, **Fiera Letteraria**, **Solaria**. Foi oficial do exército na primeira guerra mundial, diretor do afamado “Gabinetto G. P. Viesseux”, e desde 1947 redator do mais importante jornal da Itália, **Il Corriere della Sera**. Em 1932 foi-lhe conferido o prêmio “Dell’Antico Fattore” por seus merecimentos poéticos.

Suas obras mais importantes são: **Ossi di seppia**, **Occasioni**, **47 poesie**. Foi chamado o poeta do desespero, por ter visto a dor em tôdas as coisas:

Bene non seppi, fuori che il prodigio
che schiude la divina Indifferenza:
era la statua nella sonnolenza
del meriggio, e la nuvola, e il falco alto levato.

Nascido na Ligúria, Montale canta o mar, as estradas abraçadas pelo sol, os rochedos, as hortas cheias de abrolhos, sargas e espinheiros; não vê êle a natureza como cenário grandioso onde se realiza a tumultuosa história humana, mas como uma paisagem hirta, áspera, pedrenta no meio da qual o homem deve andar, levando para a frente sua vida sem esperanças.

Sem dúvida, há algo de novo na poesia de Montale, dura, realista, descontente, rebelde; mas a mesma nota musical, tocada à saciedade, acaba por cansar. Apercebeu-o talvez Montale, que teve êxito invejável e foi considerado um dos mais notáveis poetas desta geração. Pode parecer estranho que, nascido numa terra tão risonha e esplêndida, Montale tenha teimado em ver a natureza quase sòmente sob o aspecto árido e desconsolado. Evidentemente, o poeta, nesta natureza rude, incômoda, hirta de abrolhos, de pedras e cacos de vidro, procura um espelho, uma alegoria de sua dramática vida espiritual.

Meriggiare pallido e assorto
presso un rovente muro d'orto,
ascoltare tra i pruni e gli sterpi
schiocchi di merli, frusci di serpi....

Osservare tra frondi il palpitare
lontano di scaglie di mare
mentre si levano tremuli scricchi
di cicale dai calvi picchi.
E andando nel sole che abbaglia
sentire con triste meraviglia
com'è tutta la vita e il suo travaglio
in questo seguitare una muraglia
che ha in cima cocci aguzzi di bottiglia.

- 1) O espírito interesseiro e utilitário dos Genoveses, e, portanto, dos Lígures parece ter impressionado também o escritor brasileiro, Silveira Bueno, que no seu esplêndido livro de viagens, "**Pelos Caminhos do Mundo**", escreve: 'Poucas cidades haverá na terra, mais materializada, mais interesseira, mais agarrada aos bens perecedores da existência, do que Gênova.' **Silveira Bueno, Pelos Caminhos do Mundo**", Saraiva, São Paulo, 1956, p. 158.
- 2) Não se falou neste artigo de **Leon Battista Alberti** e de Clemente Rébora; pois, o primeiro nasceu em Gênova, mas sua família era florentina e o escritor não teve relação alguma com Gênova; o segundo nasceu em Milão, embora sua família fôsse ligure, e viveu sempre longe da terra de seus pais.
- 3) É interessante salientar que **Il Cuore** foi traduzido e editado pelo menos treze vezes no Chile.

* **Corazón**, Santiago do Chile, 1893, 1919, 1929, 1930, 1938, 1939, 1939, 1940, 1940, 1946, 1948, 1955; Valparaíso, 1935.